



**FORMA-DE-VIDA CÍNICA:  
INTERLOCUÇÃO COM A *PARRESIA* EM MICHEL FOUCAULT E A  
TEORIA DAS *CAPABILITIES* EM MARTHA NUSSBAUM**

**GILSON CARREIRA JUNIOR<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Este artigo propõe uma reflexão crítica no campo da filosofia política, articulando o conceito de *parresia*, conforme elaborado por Michel Foucault, com a teoria das *capabilities* desenvolvida por Martha Nussbaum. Partindo da abordagem foucaultiana, a *parresia* é explorada como uma prática essencial da vida cínica, onde a coragem de dizer a verdade se torna um ato fundamental de resistência e de afirmação da autonomia pessoal. Em paralelo, examinamos as *capabilities* de Nussbaum, que delineiam um conjunto de potencialidades humanas a serem cultivadas para alcançar uma vida plena e integral. Ao aliar a perspectiva da ética eudaimônica — centrada na busca pela felicidade e pelo florescimento humano — a essas duas teorias, buscamos compreender como a prática da *parresia* e o desenvolvimento das *capabilities* podem contribuir para o fortalecimento do *ethos* democrático, promovendo vidas mais autênticas e significativas nas sociedades contemporâneas. Este estudo realiza uma análise bibliográfica detalhada, interseccionando as aparentemente antagônicas filosofias políticas de Foucault e Nussbaum, e explorando como a vida cínica, inspirada pela *parresia*, pode ser enriquecida pelas *capabilities*. Apesar das diferenças entre esses dois pensadores, suas ideias se revelam complementares na construção de uma forma de vida que combina a busca pela autenticidade e felicidade com a coragem moral e o desenvolvimento humano integral.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vida Cínica; Parresia; Capabilites.

**ABSTRACT:** This article proposes a critical reflection in the field of political philosophy, articulating the concept of *parrhesia*, as elaborated by Michel Foucault, with the capabilities theory developed by Martha Nussbaum. Starting from the Foucauldian approach, *parrhesia* is explored as an essential practice of the Cynic life, where the courage to speak the truth becomes a fundamental act of resistance and affirmation of personal autonomy. In parallel, we examine Nussbaum's capabilities, which outline a set of human potentialities to be cultivated to achieve a full and integral life. By aligning the perspective of eudaimonic ethics—centered on the pursuit of happiness and human flourishing—with these two theories, we seek to understand how the practice of *parrhesia* and the development of capabilities can contribute to strengthening the democratic ethos, promoting more authentic and meaningful lives in contemporary societies. This study conducts a detailed bibliographic analysis, intersecting the seemingly antagonistic political philosophies of Foucault and Nussbaum, and exploring how the Cynic life, inspired by *parrhesia*, can be enriched by capabilities. Despite the differences between these two thinkers, their ideas prove to be complementary in constructing a way of life that combines the pursuit of authenticity and happiness with moral courage and integral human development.

**KEYWORDS:** Foucault, Medium, Life, Canguilhem.

---

<sup>1</sup> Professor Substituto de Filosofia do Instituto Federal da Paraíba (IFPB). Doutorando em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: gilson.carreira@gmail.com.

O conceito de parresia, tal como explorado por Michel Foucault, oferece uma perspectiva sobre a relação entre verdade, poder e subjetividade na filosofia antiga, particularmente no contexto da vida cínica. A parresia, ou a prática de falar a verdade com coragem e autenticidade, é central na filosofia cínica e assume uma forma radical de expressão da verdade na vida cotidiana. Não somente como ato de falar, mas como ato de comprometer-se com a vida coletiva, o que com os gregos antigos seria “dizer a sua palavra sobre os assuntos da cidade, é esse direito que é designado pela palavra parresia.” (FOUCAULT, 2014 p. 31)

Dessa forma, nossa proposta se baseará em explorar a interseção entre a teoria da parresia e a vida cínica com a teoria das *capabilities*<sup>2</sup> de Martha Nussbaum, que visa ser um caminho para construção de possibilidades de vida mais equitativas, oferecendo uma análise crítica e comparativa desses conceitos para entender melhor a busca pela *eudaimonia* (felicidade) e a realização plena do potencial humano.

O conceito de parresia, que implica a coragem de falar a verdade e a autenticidade na expressão da própria visão, desempenha um papel crucial na filosofia cínica, onde a prática filosófica é vista como um modo de vida radicalmente voltado para a sinceridade e a integridade. Mesmo a parresia não sendo reservada aos cínicos, o termo exprime literalmente a postura de vida desses filósofos: “A parresia, a fala franca, figura em primeiro plano a emblemática do cínico e do cinismo.” (FOUCAULT, 2011, p. 145). Contudo, a análise da parresia em Foucault nos permitirá compreender como essa prática não apenas desafia normas estabelecidas, mas também oferece uma forma de resistência e afirmação da autonomia pessoal em face das estruturas de poder e controle.

Por outro lado, a teoria das *capabilities* de Martha Nussbaum oferece uma perspectiva distinta sobre a realização humana, enfocando as *capabilities* essenciais que permitem aos indivíduos viverem vidas plenas e dignas. Nussbaum propõe um conjunto de capacidades fundamentais que são necessárias para a *eudaimonia*, ou seja, para o florescimento humano e a realização de uma vida significativa.

Apresentadas e recomendadas dessa maneira, as *capabilities*, argumento, podem se tornar objeto de um consenso sobreposto entre pessoas que de resto possuem concepções amplas de bens muito diferentes entre si. Argumento, além disso, mais uma vez apoiando-me na ideia intuitiva da dignidade humana, que as *capabilities* em questão devem ser perseguidas por toda e qualquer pessoa, cada uma sendo tratada como um fim e nenhuma como mero instrumento dos fins dos outros. (NUSSBAUM, 2013, p. 85)

---

<sup>2</sup> É importante notar que o conceito de *capabilities* é substancialmente mais abrangente em comparação com o termo capacidade (muitas vezes utilizado para tradução). Portanto, permaneceremos com o termo original.

Este artigo examinará como essas *capabilities* se relacionam com a prática da parresia e como a filosofia cínica pode ilustrar e enriquecer a teoria das *capabilities*. Através de uma análise comparativa e crítica, buscaremos identificar as convergências e divergências entre a teoria da parresia e as capacidades de Nussbaum, e como essas abordagens podem se complementar na busca por uma vida autêntica e digna. Utilizando uma metodologia bibliográfica e analítica, revisaremos as obras sobre Foucault “A coragem da verdade” (2014) e de Nussbaum “Fronteiras da justiça” (2013), para assim aproximarmos a reflexão da filosofia cínica, integrando essas perspectivas para oferecer um entendimento mais abrangente da realização humana.

À vista disso, ao vincular esses conceitos ao *ethos* democrático, a pesquisa pretende explorar como eles podem fomentar um ambiente social em que os indivíduos são potencializados a buscar não apenas a autenticidade pessoal, mas também o bem-estar coletivo. Como explora Nussbaum em sua obra: “o enfoque das *capabilities* se sente livre para empregar uma explicação da cooperação que trate a justiça e a inclusão desde o começo como fins de valor intrínseco.” (NUSSBAUM, 2013, p. 195). Nesse contexto, a parresia e as *capabilities* surgem como um mecanismo crucial para desafiar injustiças e promover a transparência, oferecendo as ferramentas necessárias para que as pessoas alcancem uma vida digna e plena. Juntas, essas ideias proporcionam uma abordagem robusta para o fortalecimento das práticas democráticas, assegurando que as sociedades contemporâneas estejam mais bem preparadas para atender às diversas necessidades e aspirações de seus cidadãos.

### **1. Forma de vida cínica a partir da parresia de foucault**

Michel Foucault explorou o conceito de parresia, ou seja, o ato de falar a verdade, trazido dos gregos antigos, especialmente em situações de risco pessoal, como propõe a vida de Sócrates. Na forma de vida cínica, a parresia se manifesta como uma prática de liberdade e coragem moral, desafiando as normas estabelecidas e promovendo uma vida de autenticidade e integridade. O autor explora, através da genealogia dos discursos, as práticas associadas ao modo de vida dos cínicos. Estes filósofos antigos, notoriamente radicais, advogavam que a filosofia deveria ser uma forma de vida, não apenas um conjunto de conhecimentos teóricos. Para os cínicos, a filosofia se torna mera retórica vazia se não transformar o modo de existência do filósofo, tomando Sócrates como paradigma.

A genealogia parresiasta, proposta por Foucault, se apresenta como uma forma de vida por meio da qual se propõe uma particular relação com a verdade. *Parresia* (grego: *παρρησία* /

parrisía) significa dizer o que é verdadeiro, falar franco, ser coerente ao extremo, promover certa ousadia ao falar e se posicionar. Dessa forma, ao estudar a parresia, busca-se um aprofundamento sobre práticas de vida que implicam em formas de existência. A parresia desenvolve uma forma de viver a vida na qual o sujeito se coloca em risco, por si mesmo. Portanto, a “parresia como elemento constitutivo do dizer-a-verdade sobre si [...] na obrigação de dizer a verdade sobre si.” (FOUCAULT, 2014, p. 8)

O autor se depara com a dicotomia da parresia na tradição antiga da filosofia e da parresia na prática política, ou pelo menos, como ele menciona, “das relações entre sujeito e verdade: o das relações de poder e seu papel no jogo entre sujeito e verdade.” (FOUCAULT, 2011, p. 9). Foucault, então, busca articular a noção de parresia com os modos de verificação da verdade, as técnicas de governamentalidade e as práticas de si, revelando como essas dimensões se interligam. Ele sugere que, ao examinar a parresia, é possível compreender como essas práticas se conectam na formação dos sujeitos e na condução de suas condutas. Essa articulação entre os modos de verificação, as técnicas de governamentalidade e as práticas de si foi um foco central de seu trabalho, oferecendo uma perspectiva crítica sobre a construção da subjetividade e das relações de poder na sociedade.

Parece-me que examinado a noção de parresia podemos ver se ligarem entre si na análise dos modos de verificação, as técnicas de governamentalidade e a identificação das formas de prática de si. A articulação entre os modos de verificação, as técnicas de governamentalidade e as práticas de si é, no fundo, o que sempre procurei fazer. (FOUCAULT, 2011, p. 9)

A parresia, para Foucault, não é apenas uma prática discursiva, mas uma estratégia de resistência e uma maneira de viver que desafiam as estruturas de poder vigentes. Ao examinar a parresia, Foucault não apenas reconstrói a genealogia de uma prática filosófica, mas também sugere uma possível via para repensar as práticas de liberdade em um contexto de governamentalidade biopolítica. Assim, a parresia emerge como um conceito-chave para entender a interseção entre poder, verdade e subjetividade, abrindo caminhos para práticas de liberdade em nossa contemporaneidade.

### 1.1 A parresia e a vida cínica

O filósofo francês tem por objetivo traçar a genealogia da prática da parresia como uma forma de vida, concentrando-se especialmente na relevância que essa virtude teve na escola filosófica dos cínicos. Para os cínicos, o filósofo deve viver a parresia de maneira radical, até as últimas consequências, caso contrário não pode ser considerado um verdadeiro filósofo. Foucault identifica nesta vida cínica, marcada por uma vivência radical da parresia, um modo

de subjetivação que, embora quase insignificante para nossos tempos, pode ser fundamental. Ele sugere que esse modo de vida parresiástico talvez seja a chave para pensarmos as práticas autênticas de liberdade em um contexto de governamentalização biopolítica das condutas na atualidade.

Antístenes (450-366 a.C.), o fundador do cinismo, e seus seguidores como Diógenes (410-313 a.C.), e até mesmo a primeira mulher relatada na história da filosofia antiga, Hiparquia (346-330 a.C.), viveram de maneira austera e desafiadora, personificando o *ethos*<sup>3</sup> filosófico em cada aspecto de suas vidas. Para eles, a filosofia era uma prática diária e visceral, uma forma de resistência contra as hipocrisias do mundo e um testemunho vivo de suas convicções. O primeiro fundou sua escola em "Cinosarges", cujo nome, derivado do grego "cino" (cão) e "sarges" (branco), deu origem ao termo "cínico".

O cinismo vincula o modo de vida e a verdade a um modo muito mais estrito e preciso. Ele faz da forma de existência uma condição essencial para o dizer-a-verdade. Ele faz, enfim, da forma de existência um modo de tornar visível nos gestos, nos corpos, na maneira de se vestir, na maneira de se conduzir e de viver, a própria verdade. Em suma, o cinismo faz da vida, da existência, do bíos, o que poderíamos chamar de uma aleturgia, uma manifestação da verdade. (FOUCAULT, 2014 p. 159)

Michel Foucault, ao explorar a noção de *aleturgia* no contexto do cinismo, destaca a profunda interdependência entre vida e verdade. Para os cínicos, a verdade não é simplesmente algo que se proclama, mas algo que se vive intensamente e se manifesta em cada aspecto da existência cotidiana. Foucault sublinha que a forma de vida cínica se torna uma condição indispensável para a prática da parresia, onde a verdade é expressa não apenas através das palavras, mas também através dos gestos, do corpo, da vestimenta e da conduta. Essa integração faz da existência uma contínua *aleturgia*, ou seja, uma revelação visível da verdade em todos os momentos e ações. A vida cínica, portanto, é uma encarnação da verdade, onde viver de acordo com princípios filosóficos se torna uma demonstração prática e concreta da veracidade. Através dessa perspectiva, Foucault ilumina como o cinismo transforma a filosofia em uma prática vital, onde a busca pela verdade permeia todas as dimensões do ser.

Foucault se volta para a análise da parresia socrático-platônica, que representa um deslocamento da parresia do domínio político para uma prática filosófica de vida. Esse deslocamento não resulta de uma transformação na noção de parresia, mas das mudanças nas

---

<sup>3</sup> O termo êthos, escrito com eta, remonta aos escritos de Homero no século VII a.C., referindo-se aos costumes e práticas que estão ligados a *modos de vida*, ou seja, a uma forma de sabedoria. Por outro lado, o "éthos," grafado com épsilon, está associado a Ésquilo (525-456 a.C.), o fundador da tragédia grega, e mantém uma definição semelhante. No entanto, em Ésquilo, o termo adquire um significado mais específico, relacionado à tradição — aquilo que é habitual, comum e usual —, que se consolida como uma forma de sabedoria imposta pela repetição e costume. (ref. SPINELLI, 2009, p. 9).

condições políticas e da diminuição das estruturas formais da democracia, que restringiram significativamente a concepção de uma *parresia* política. Este outro modo de ser da *parresia*, dada sua relação com a política sem ser da ordem da *politeía*, adquire uma importância por oferecer um conteúdo do *ethos* à própria filosofia.

A vida filosófica é uma manifestação da verdade. Ela é um testemunho pelo tipo de existência que se leva, pelo conjunto de opções que se faz, pelas coisas a que você renuncia, pelas que aceita, pela maneira como você se veste, pela maneira como fala etc., a vida filosófica deve ser, de ponta a ponta, a manifestação dessa verdade. (FOUCAULT, 2014, p. 311).

A filosofia cínica foi pouco estudada ao longo da história devido à escassez de escritos dos próprios cínicos, que, como Sócrates, preferiam viver a filosofia a registrá-la por escrito. Consequentemente, há mais relatos sobre os cínicos do que obras produzidas por eles. O interesse de Foucault em revitalizar a forma de vida cínica é multifacetado: ele vê os cínicos como exemplares de uma das mais radicais e coerentes tentativas de viver a filosofia. Além disso, Foucault argumenta que, embora a forma de vida cínica tenha sido marginalizada ao longo dos séculos, ela teve um impacto significativo em outras formas de vida que são características da cultura ocidental.

## 1.2 A *parresia* e o paradigma da democracia

Nossa intenção, após analisarmos a *parresia* como um conceito profundamente enraizado na filosofia grega, é promover um debate essencial para a compreensão das dinâmicas políticas e sociais nas democracias contemporâneas. Originalmente abordada por a *parresia* refere-se à prática de falar a verdade de maneira franca e corajosa, mesmo diante de riscos pessoais ou sociais. Deste modo, o *parresiasta* é aquele que, movido por um senso de dever moral, exerce a liberdade de expressão sem medo das consequências, uma característica vital para o funcionamento saudável da pólis.

Contudo, Michel Foucault, em suas reflexões sobre a *parresia*, revisita e expande esse conceito, destacando-o como um elemento crítico na análise das relações de poder e na prática da ética. Foucault identifica a *parresia* como um ato de coragem que desafia as normas estabelecidas e que pode, por isso, funcionar como um contraponto ao poder – até mesmo em relação à democracia. Em seu entendimento, a *parresia* não é apenas um discurso franco, mas um ato que implica riscos — o *parresiasta* expõe-se a perigos ao confrontar verdades que podem ser desconfortáveis ou subversivas. O autor destaca: “outro tipo de *parresia*, que, por sua vez, será definido em relação não à cidade (pólis), mas à maneira de fazer, de ser e de se portar dos

indivíduos (o *ethos*), em relação também à sua constituição como sujeito moral.” (FOUCAULT, 2014, p. 31)

Por conseguinte, o filósofo francês destaca que a parresia, entendida como a coragem de dizer a verdade, possui uma relação ambivalente com a democracia. Por um lado, a prática da parresia é crucial para uma democracia saudável, pois promove a autenticidade, a transparência e a responsabilidade, permitindo a crítica aberta e a deliberação honesta, que são fundamentais para o funcionamento das instituições democráticas - “dizer a verdade sobre assuntos da cidade, é esse direito que é designado pela palavra parresia” (FOUCAULT, 2014, p. 31). No entanto, Foucault alerta que a parresia também pode representar um perigo para a democracia quando utilizada de forma a exacerbar conflitos e polarizações, em vez de promover o diálogo construtivo. A parresia, se mal direcionada, pode ser manipulada para fins divisíveis ou para promover agendas específicas que minam a coesão social e a confiança nas instituições. Ele afirma: “[...] na democracia a parresia é perigosa para a cidade. Ela é perigosa para a cidade porque é liberdade, dada a todos e a qualquer um, de tomar a palavra” (FOUCAULT, 2014, p. 33).

Portanto, enquanto a parresia pode fortalecer a democracia ao fomentar um ambiente de crítica e autoconhecimento, ela também deve ser exercida com responsabilidade para evitar seus potenciais efeitos corrosivos sobre a harmonia e a integridade democrática. Ou ser distante da realidade democrática, pois permite o dizer-a-verdade, não assumindo nem mesmo as instituições, assim como a pulverização dessa verdade. Foucault alerta (2014, p. 41):

Ou a democracia abre espaço para a parresia, e isso é necessariamente uma liberdade perigosa para a cidade; ou a parresia é de fato uma atitude corajosa que consiste em empreender dizer a verdade, e então não tem espaço na democracia [...] é preciso compreender que, [nesse] tipo de análise evocado, através desse texto paradoxal, a própria forma da democracia, ao submeter o melhor ao pior, revertendo a ordem dos valores, instaurando essa desordem e mantendo seu contrassenso, não pode abrir o espaço para o dizer-a-verdade.

Assim, o paradoxo central reside na tensão entre a necessidade de liberdade para a expressão da verdade e os riscos associados a essa liberdade para a estabilidade democrática. De um lado, a democracia idealmente deve abrir espaço para a parresia, permitindo que a verdade seja dita sem censura, como uma forma de garantir a transparência e a responsabilidade dentro das instituições e entre os cidadãos. No entanto, esse espaço de liberdade pode ser perigoso, pois a parresia pode desafiar as normas estabelecidas e promover discursos que desestabilizam a ordem democrática ou acirram divisões sociais.

Por outro lado, se a parresia é vista como uma atitude corajosa de dizer-a-verdade, pode ocorrer uma disfunção na democracia, que não está estruturada para lidar com a verdade em

sua forma mais crua e combativa. Em vez de fortalecer a democracia, a prática desmedida da parresia pode revelar a fragilidade do sistema ao expor suas incoerências e falhas, colocando em questão a própria estrutura democrática. A democracia, ao tentar acomodar a parresia, pode acabar subvertendo seus próprios valores e estruturas, criando uma forma de desordem que, ao invés de promover o bem comum, pode minar a própria estabilidade da cidade, “visto que a democracia não pode abrir espaço para a diferenciação ética dos sujeitos que falam, deliberam e decidem” (FOUCAULT, 2014, p. 43).

Portanto, ao incorporar a parresia como um paradigma democrático, as sociedades modernas podem cultivar um *ethos* político que valorize a verdade e a autenticidade. Isso não só fortalece a democracia em sua essência, mas também garante que ela se mantenha viva e relevante em face dos desafios contemporâneos. Assim, o perigo que a parresia expõe (ou pode expor), como delineada por Aristóteles e reinterpretada por Foucault<sup>4</sup>, surge como um desafio vital para a preservação e a renovação das democracias, oferecendo, como enfrentado neste estudo, um modelo de resistência e renovação que é crucial para o bem-estar e a dignidade de todos os cidadãos.

### 1.3 Vida cínica: uma busca pela *eudaimonia* (felicidade)

Os cínicos foram uma escola filosófica que buscou, por meio da parresia, a virtude da *enkrateia* (domínio de si) através de uma forma de vida autêntica, orientada para a soberania de si. Para eles, essa soberania era intrinsecamente ligada à busca pela *eudaimonia*, ou felicidade plena. A verdadeira felicidade, segundo os cínicos, é alcançada por aqueles que superam os limites. Entretanto, a soberania de si pregada pelos cínicos não se confunde com egoísmo. Pelo contrário, para alcançar esse domínio a relação com o outro é essencial.

Foucault estabelece o questionamento sobre a ética da verdade, em favor do bem-estar moral, o que dificulta a felicidade. Deste modo, a parresia seria a resposta ética à própria condição moral que a rechaça, ou seja, “que relação ética há entre coragem e verdade? Ou ainda em que medida a ética da verdade implica na coragem?” (FOUCAULT, 2014, p.109). Em resumo, ao questionar a conexão entre ética da verdade e coragem, Foucault está examinando como os princípios éticos relacionados à verdade não apenas desafiam as normas sociais, mas também moldam a experiência do sujeito em relação ao seu próprio bem-estar. A prática da

---

<sup>4</sup> Aristóteles, em seu livro *Política* – cap. 4 (1276b-1277b), questiona a eficácia da parresia como uma virtude cívica essencial para o debate democrático e o bem comum na Atenas antiga. Foucault, em *A Coragem da Verdade* (2011), reinterpreta a parresia como uma prática ética de dizer a verdade com coragem, desafiando o status quo e revelando suas implicações para a política e a moralidade pessoal.

parresia, ao se desviar dos padrões normativos e enfrentar riscos pessoais, revela a complexidade da busca pela felicidade em um contexto em que a verdade e a coragem são fundamentais para a realização da vida autêntica. A ética da verdade, portanto, não é apenas uma questão de princípios filosóficos, mas uma prática concreta que exige coragem e que, por sua vez, pode influenciar a compreensão e a experiência da felicidade.

Dessarte, na abordagem cínica da *eudaimonia*, através da *enkrateia*, revela-se o *ethos* – um comportamento intrínseco entre a busca pela verdade (parresia) e a responsabilidade com o outro, define meu modo de vida e meu posicionamento enquanto sujeito. Para os cínicos, a felicidade autêntica não era apenas um estado de satisfação pessoal, mas uma prática ativa de viver a verdade em relação com os outros. A felicidade, ou *eudaimonia*, se realizava plenamente na medida em que o indivíduo cultivava a virtude e contribuía para o bem comum, estabelecendo uma conexão profunda entre a soberania de si e o compromisso ético com a comunidade humana.

A parresia (a libertas, o falar franco), é, pois, esta forma essencial – e deste modo resumiria o que queria dizer-lhes sobre a parresia – da palavra do diretor: palavra livre, independente de regras, livre dos procedimentos da retórica, porque ela deve, por um lado, certamente, adaptar-se à situação, à ocasião, às particularidades do auditor [...] o sujeito que fala se compromete. (FOUCAULT, 2014, p. 340).

A partir do excerto acima, reafirma-se que a parresia não é apenas um ato de fala, mas um princípio de vida que exige uma correspondência entre o discurso e a prática. Essa correspondência é fundamental para a realização plena (*eudaimonia*), pois implica uma vida em que a verdade é vivida de forma autêntica e corajosa, desafiando as normas e expectativas impostas pela sociedade. A análise de Foucault sobre a parresia revela como, na tradição cínica, a busca pela felicidade genuína está intrinsecamente ligada ao compromisso com a verdade e à disposição para enfrentar as consequências dessa verdade.

A noção de *Eudaimonia* também é trazida por Aristóteles que enfatiza a realização da virtude como caminho para a felicidade verdadeira, implicando um viver em conformidade com a razão e a moralidade. A parresia, ao exigir não apenas a expressão corajosa da verdade, mas também a adesão consistente a essa verdade na vida cotidiana, encaixa-se perfeitamente nesta visão aristotélica. Para Aristóteles, a *eudaimonia* é alcançada através da prática contínua das virtudes e da construção de um caráter moral robusto. Aristóteles reafirma no Livro I da *Ética a Nicômaco*: “A felicidade, portanto, mostra-se como alguma coisa completa e autossuficiente, a finalidade de todas as coisas.” (ARISTÓTELES, 1097b 20-21). Nosso objetivo, então, é alinhar com a ideia de Foucault a noção de que a parresia não é uma prática isolada, mas um princípio orientador que molda a vida inteira. Ao confrontar e desafiar as convenções e normas

estabelecidas, a parresia permite ao indivíduo viver de forma mais autêntica e virtuosa, assim como a ideia aristotélica de uma vida bem vivida, onde a integridade e a autenticidade são centrais para a verdadeira felicidade. Assim, a prática da parresia não só reflete um compromisso com a verdade, mas também contribui para a realização plena e a *eudaimonia*, como entendida na tradição filosófica grega: “Qual é o mais alto de todos os bens que se podem alcançar pela ação. (...) Dizem ser esse fim a felicidade e identificam o bem viver e o bem agir como o ser feliz” (ARISTÓTELES, Livro I, 4, 1095a 15-20, 1972).

Foucault identifica essa prática de parresia como uma forma de vida que desafia as normas estabelecidas e oferece uma via alternativa para a *eudaimonia*, como explana Aristóteles: “Se a felicidade é atividade conforme à virtude, será razoável que ela esteja também em concordância com a mais alta virtude; e essa será a do que existe de melhor em nós. Quer seja a razão (...) essa atividade é contemplativa” (ARISTÓTELES, Livro X, 7, 1177a 11-15, 1972). Dessa forma, ao viver a filosofia de maneira radical, os cínicos evidenciam que a verdadeira felicidade não se encontra nos prazeres efêmeros ou no reconhecimento social, como postulam os epicuristas e estoicos, respectivamente, mas na coerência interna e na integridade pessoal. Para Foucault, essa vida parresiástica, apesar de sua aparência marginal e austera, exemplifica como a filosofia pode se transformar em uma prática essencial que molda o caráter e conduz à verdadeira felicidade. Esta visão ressoa com a perspectiva aristotélica, onde a felicidade é entendida como uma atividade conforme à virtude mais elevada, que está em harmonia com a parte mais elevada de nossa natureza. Aristóteles argumenta que a felicidade, sendo a atividade da razão, é contemplativa e está alinhada com a virtude máxima. Assim, a parresia, ao exigir uma congruência entre discurso e prática, contribui para a realização dessa virtude superior e, conseqüentemente, para a *eudaimonia* genuína.

## **2. As *capabilities* de Nussbaum no contexto do *ethos* parresiástico-eudaimônico**

Martha Nussbaum, em sua teoria das *capabilities*, propõe um conjunto de possibilidades humanas fundamentais que são essenciais para uma vida digna. Nas palavras dela as *capabilities* são “oportunidades de ser e fazer” (NUSSBAUM, 2011, p. 4). Dessa maneira, no contexto da forma de vida cínica, essas *capabilities* podem ser vistas como ferramentas para alcançar a *eudaimonia*, ou felicidade genuína, promovendo uma vida de realização pessoal e social.

Nussbaum utiliza sua abordagem para oferecer uma base filosófica sólida em defesa das garantias essenciais à dignidade humana (NUSSBAUM, 2013). Ela argumenta que a melhor

maneira de garantir o mínimo existencial é por meio de uma teoria que enfatize as possibilidades humanas—isto é, aquilo que cada pessoa pode efetivamente fazer e ser. Assim, Nussbaum propõe uma lista de *capabilities* fundamentais que visa assegurar a todos os indivíduos as condições necessárias para uma existência verdadeiramente humana, facilitando uma compreensão mais profunda da justiça. Portanto, argumenta que uma vida verdadeiramente humana deve permitir que os indivíduos desenvolvam suas capacidades em plenitude, o que inclui não apenas a satisfação de necessidades básicas, mas também o florescimento em aspectos mais elevados da vida humana, como o desenvolvimento intelectual, emocional e moral. As *capabilities*, nesse sentido, são as condições necessárias para que os indivíduos possam viver uma vida boa, conforme o conceito aristotélico de *eudaimonia*.

O enfoque das capacidades não pretende fornecer uma explicação completa da justiça social. Não diz nada, por exemplo, sobre como a justiça trata desigualdades acima do nível mínimo. (Nesse sentido não responde todas as questões respondidas pela teoria de Rawls) É uma explicação do mínimo de garantias sociais centrais e é compatível com diferentes visões sobre como lidar com questões de justiça e distribuição que surgiriam uma vez que todos os cidadãos estivessem acima do nível mínimo. Tampouco insiste que essa lista de direitos seja uma explicação exaustiva da justiça política; pode haver outros valores políticos importantes, estreitamente conectados com a justiça, e que ela não incluiu em seu esquema (NUSSBAUM, 2013, p. 91).

De modo a analisar a explicação de Nussbaum sobre a funcionalidade das *capabilities*, sob a ótica do *ethos* cínico, a *parresia* e a vida filosófica cínica oferecem uma perspectiva rica e prática para debater com as *capabilities* defendidas por Nussbaum. A vida cínica, com sua ênfase na autenticidade, na rejeição das convenções sociais e na valorização da simplicidade e integridade, pode ser vista como uma manifestação concreta dessas capacidades fundamentais. A *parresia*, como prática de dizer a verdade independentemente das consequências, reflete um compromisso radical com a autenticidade e a integridade, alinhando as duas teorias, apresentadas no primeiro ponto por Foucault, com a busca pela *eudaimonia*. Assim, a filosofia cínica oferece uma forma prática e vivencial de implementar as *capabilities* centrais, demonstrando como a busca pela verdade e pela integridade pode ser integrada na vida cotidiana para promover uma existência plena e genuína.

### 2.1 *Capabilities* e a forma de vida cínica – o *ethos* parresiástico

A interseção entre a teoria das *capabilities* de Martha Nussbaum e o *ethos* cínico, particularmente com o conceito de *parresia*, oferece uma perspectiva rica sobre a realização plena da vida humana. Nussbaum, com sua abordagem centrada nas possibilidades humanas, enfatiza a importância de garantir que todos os indivíduos tenham acesso às condições necessárias para viver uma vida digna e realizadora. Suas ideias destacam que a justiça não se

limita à satisfação das necessidades básicas, mas envolve a criação de oportunidades para o florescimento integral dos indivíduos. Por outro lado, o cinismo, com seu foco na parresia — a prática de falar a verdade com coragem e autenticidade —, oferece uma visão prática de como essas capacidades podem ser vividas no cotidiano.

Neste contexto, a parresia, que exige uma aderência inabalável à verdade e um compromisso com a integridade pessoal, se alinha com a visão de Nussbaum de que a realização da vida humana exige mais do que a mera existência; requer a capacidade de viver de forma autêntica e corajosa. Assim, a vida cínica não apenas reflete uma busca pela *eudaimonia*, ou felicidade genuína, mas também encarna a aplicação prática das *capabilities* fundamentais que Nussbaum propõe.

Por exemplo, a primeira *capability* que autora elenca é “Vida – Ter a capacidade de viver até o fim de uma vida humana de duração normal; não morrer prematuramente, ou antes que a própria vida se veja tão reduzida que não valha a pena vivê-la” (NUSSBAUM, 2013, p. 91). Para Nussbaum, essa *capability* envolve a possibilidade de viver até o final de uma vida humana completa, em boa saúde, e é refletida na vida cínica como a escolha de viver de acordo com princípios de autossuficiência e frugalidade.

Outra *capability* central na teoria de Nussbaum é a “Integridade física. Ser capaz de se movimentar livremente de um lugar a outro;” (NUSSBAUM, 2013, p. 91). No contexto da filosofia cínica, a integridade física está intrinsecamente ligada ao conceito de soberania de si (*enkrateia*). Para os cínicos, viver de acordo com a natureza e a autenticidade exige uma forma de existência que muitas vezes implica a rejeição das convenções sociais. A prática da parresia pelos cínicos exemplifica essa capacidade, pois requer que o indivíduo tenha a coragem de falar, e não só falar, mas viver uma postura até mesmo física da verdade, mesmo em face de risco pessoal. Essa prática não só fortalece a integridade pessoal, mas também desafia as normas sociais injustas, promovendo uma sociedade mais justa e transparente.

Além disso, a *capability* de “Razão prática. Ser capaz de formar uma concepção de bem e de ocupar-se com a reflexão crítica sobre o planejamento da própria vida” (NUSSBAUM, 2013, p. 91) envolve a possibilidade de viver com e para os outros, em redes de relações sociais que respeitam a dignidade humana, encontra uma ressonância no *ethos* cínico, que se revela não apenas como comportamentos abstratos, mas como práticas concretas que conduzem à *eudaimonia*. O modo de vida cínico exemplifica uma forma radical de viver essas *capabilities*, oferecendo uma crítica poderosa à sociedade contemporânea e um modelo alternativo de vida que prioriza a verdade e a integridade.

No contexto da *capability* “Afiliação” proposta por Nussbaum —“que se refere às bases sociais de autorrespeito e não humilhação, e ao direito de ser tratado com dignidade igual à dos outros, independentemente de características pessoais como raça, sexo, orientação sexual, etnia, casta, religião e origem nacional” (NUSSBAUM, 2013, p. 93) —, a vida cínica oferece uma prática filosófica que se alinha estreitamente com esses princípios. Para os cínicos, a verdade não é apenas uma questão pessoal, mas também uma questão de justiça social e dignidade humana. Ao viver a parresia, os cínicos não apenas desafiam as convenções sociais e rejeitam as normas impostas, mas também promovem uma visão de igualdade e respeito universal, desafiando as injustiças e preconceitos que fragmentam a sociedade.

Por fim, trazemos a *capability* Sentidos, imaginação e pensamento:

Ser capaz de usar os sentidos, a imaginação, o pensamento e o raciocínio – e fazer essas coisas de um modo “verdadeiramente humano”, um modo informado e cultivado por uma educação adequada, incluindo, sem limitações, a alfabetização e o treinamento matemático e científico básico. Ser capaz de usar a imaginação e pensamento e conexão com experimentar e produzir obras ou eventos, religiosos, literários, musicais e assim por diante, da sua própria escolha. Ser capaz de usar a própria mente de modo protegido por garantias de liberdade de expressão, com respeito tanto à expressão política quanto artística, e liberdade de exercício religioso. Ser capaz de ter experiências prazerosas e evitar dores não benéficas. (NUSSBAUM, 2013, p. 92)

Por fim, ao considerar a vida cínica autêntica, observamos que ela se alinha com a capacidade de explorar e realizar o potencial humano descrito por Martha Nussbaum em sua teoria das *capabilities*. Em particular, a *capability* apresentada acima: "Sentidos, imaginação e pensamento", pois destaca-se como um componente essencial dessa vida. Esta *capability* envolve a habilidade de utilizar os sentidos, a imaginação e o pensamento de maneira plenamente desenvolvida e informada, promovendo um modo de vida verdadeiramente humano. A vida cínica, ao exigir uma congruência entre discurso e prática, propicia um espaço onde esses aspectos podem florescer de maneira profunda e significativa. Além disso, ela abrange a capacidade de expressar-se livremente. Dessa forma, a prática da parresia, com seu compromisso com a verdade e a autenticidade, não só promove a integridade pessoal e a coerência, mas também se integra plenamente com a capacidade de viver uma vida enriquecida pela expressão plena do potencial humano, conforme descrito por Nussbaum.

Assim sendo, ao elaborar sua teoria das *capabilities*, Nussbaum fundamenta sua abordagem no respeito à dignidade humana, com o objetivo de garantir que os indivíduos não sejam excluídos dos processos sociais. Sua teoria é centrada na possibilidade das pessoas de serem e fazerem algo, buscando ampliar as condições necessárias para que as necessidades

humanas básicas sejam atendidas, sempre preservando a dignidade do ser humano. Conforme ela assinala:

O enfoque das capacidades não é uma doutrina política sobre os direitos básicos, nem uma doutrina moral abrangente. Não pretende sequer ser uma doutrina política completa, somente especifica certas condições necessárias para que uma sociedade seja dignamente justa, na forma de um conjunto de direitos fundamentais para todos os cidadãos (NUSSBAUM, 2013, p. 191).

Consequentemente, ao relacionar a teoria de Martha Nussbaum com a vida cínica e a *eudaimonia*, observamos que a capacidade de usar a imaginação, o pensamento e a expressão de maneira livre e cultivada é central para a realização plena do potencial humano. A parresia, ao exigir a coragem de viver a verdade, se conecta diretamente com a oportunidade de usar esses aspectos de forma integral, promovendo uma vida autêntica e significativa. Assim, a vida cínica, com sua ênfase na parresia, não só reflete um compromisso com a verdade e a integridade, mas também se harmoniza com a busca pela *eudaimonia* ao assegurar que a dignidade e o potencial humano sejam plenamente realizados. Pois, “a fundação do *éthos* como sendo o princípio a partir do qual a conduta poderá se definir como conduta razoável em função do próprio ser da alma. É bem disso que se trata, essa forma de parresia (FOUCAULT, 2011, p. 75).

Segundo Foucault, a parresia não se limita a um ato isolado de dizer a verdade, mas se estabelece como um princípio ético que molda a conduta do indivíduo de acordo com a verdadeira natureza de sua alma. Essa visão sugere que a parresia é mais do que um discurso corajoso; é um elemento central na construção de um *éthos*, ou seja, uma forma de vida que reflete a integridade e a coerência interna.

Em última análise, a vida cínica autêntica não é apenas uma forma de resistência e desafio às convenções sociais, mas também um caminho para o desenvolvimento das capacidades humanas fundamentais, contribuindo assim para uma realização plena e significativa da *eudaimonia*.

### **3. Interseção entre Foucault e Nussbaum**

Embora as abordagens dos dois filósofos sejam distintas, ambos oferecem insights valiosos sobre a busca por uma vida autêntica e realizada. A interseção entre os pensamentos de Michel Foucault e Martha Nussbaum oferece um terreno fértil para uma reflexão profunda sobre a realização humana e a construção de uma vida digna e autêntica. Ambos os autores exploram conceitos fundamentais relacionados ao desenvolvimento pessoal e social, embora partam de perspectivas teóricas distintas.

Michel Foucault, ao examinar a parresia e a vida cínica, destaca a importância da verdade falada com coragem e autenticidade: “A parresia [...] é etimologicamente, a atividade que consiste em dizer tudo *pân rêma*, *Parresiázesthai* ‘é dizer tudo’. O *parresiastés* é aquele que diz tudo” (FOUCAULT, 2014, p.10). Para os cínicos, a parresia representa uma forma de vida que vai além da simples retórica, envolvendo uma prática radical da verdade e um compromisso com a autenticidade pessoal. Esta forma de vida é vista como um meio de alcançar a *eudaimonia*, entendida como uma vida de realização plena e dignidade. A parresia, nesse sentido, não é apenas um ato de falar a verdade, mas uma prática que molda a existência do indivíduo, permitindo que ele viva de acordo com seus princípios mais profundos e desafiando as convenções sociais.

Por outro lado, Martha Nussbaum desenvolve a teoria das capabilities, que se concentra nas condições necessárias para que os indivíduos vivam uma vida digna e plena. Suas "capabilities" são elementos essenciais que permitem a realização do potencial humano e a vivência de uma *eudaimonia* autêntica, pois busca o desenvolvimento humano e a felicidade para o bem-estar social.

Conhecida como “abordagem do desenvolvimento humano” e como “abordagem das *capabilities*” (...) Quais são as reais oportunidades que estão disponíveis a elas? Esta questão, embora simples, é também complexa, já que a qualidade da vida humana envolve múltiplos elementos cujas relações de uns com os outros necessitam minucioso estudo. (NUSSBAUM, 2011, p. 18, tradução própria)

Entre essas capacidades, Nussbaum inclui a afiliação, que se refere ao direito de ser tratado com dignidade e respeito, independente de características pessoais. Para Nussbaum, garantir essas capacidades é fundamental para a justiça social e a promoção de uma vida boa. Por isso, a interseção entre Foucault e Nussbaum pode ser vista na maneira como ambos abordam a questão da autenticidade e da dignidade humana. A parresia, como concebida por Foucault, está intimamente ligada à capacidade de viver de acordo com a própria verdade e a coragem de desafiar as normas sociais para alcançar uma existência plena. Para Foucault a vida cínica provoca a desestruturação até de poderes consolidados, a fim de promover uma nova perspectiva de vida sobre o viés do *ethos* na vida pública: “Para dizer a verdade, o cínico está disposto a se dirigir inclusive aos poderosos, inclusive àqueles que são temíveis, sem que considere, de seu lado, que seja um perigo, para ele desastroso, perder a vida se seu dizer-a-verdade irritar aqueles a quem ele se dirigiu.” (FOUCAULT, 2014, p. 315). Essa perspectiva complementa a teoria das capabilities de Nussbaum, que enfatiza a necessidade de condições sociais e políticas que permitam aos indivíduos expressarem e viver suas verdadeiras identidades sem discriminação.

A *capability* de afiliação, em particular, ressoa com o *ethos* cínico trazido por Foucault, pois ambos reconhecem a importância do respeito mútuo e da igualdade para a realização pessoal e social. Enquanto Nussbaum argumenta que a afiliação é uma condição essencial para a dignidade humana:

Por causa de sua concepção diversificada e temporalmente complexa de pessoa, o enfoque das capacidades não inclui nada análogo à concepção contratualista de pessoas como “iguais” em poderes e habilidades. As pessoas variam enormemente com relação a suas necessidades de recursos e cuidado, e a mesma pessoa pode ter diversas necessidades dependendo do seu momento de vida (NUSSBAUM, 2013, p. 107).

Foucault mostra que a prática da *parresia*, ao desafiar a injustiça e promover a verdade, contribui para a criação de um ambiente onde essa dignidade pode ser verdadeiramente vivida.

É para isso que o cínico, enviado como batedor, não poderá ter nem abrigo, nem lar, nem mesmo pátria. Ele é o homem da errância, é o homem do galope à frente da humanidade. E depois dessa errância, depois desse galope à frente da humanidade, depois de ter bem observado e consumado sua tarefa, o cínico deve voltar. Ele voltará para anunciar a verdade, anunciar as coisas verdadeiras sem deixar se paralisar pelo medo. Temos aqui a própria definição da *parresia* como exercício do dizer-a-verdade que é anunciado aos homens sem nunca se deixar impressionar pelo medo. (FOUCAULT, 2014, p. 146).

Por fim, embora as abordagens de Foucault e Nussbaum sejam distintas, elas se complementam na busca por uma vida autêntica e digna. A filosofia cínica e a *parresia* oferecem uma prática concreta que pode informar e enriquecer a teoria das *capabilities*, mostrando como a busca pela verdade e a rejeição das convenções podem contribuir para a realização de uma vida plena. Ao mesmo tempo, a teoria de Nussbaum proporciona um quadro normativo que pode ajudar a estruturar as condições necessárias para que a prática da *parresia* e o *ethos* cínico sejam efetivamente realizados em uma sociedade justa. Mesmo que haja um desafio importante em integrar a abordagem prática de Foucault com o enfoque normativo de Nussbaum, Foucault oferece uma análise crítica das práticas de vida e da autenticidade “tanto na relação consigo mesmo, como na relação com a verdade, essa relação de confiança - em que consistia a *parresia*” (FOUCAULT, 2014, p. 292); e Nussbaum fornece um esquema normativo para garantir que todos possam viver com dignidade “capaz de como ser humano, exercendo a razão prática e participando de relacionamentos significativos e de reconhecimento mútuo com os demais” (NUSSBAUM, 2013, p. 93). Isto posto, a integração das abordagens destes filósofos de grande tradição na filosofia política exige um delicado equilíbrio entre as práticas individuais de autenticidade e as estruturas sociais que garantem capacidades essenciais para todos. Assim, um ambiente onde as oportunidades essenciais são garantidas permite que a *parresia* e as

*capabilities* não apenas se desenvolvam, mas também se reforcem mutuamente, promovendo um equilíbrio entre o desenvolvimento pessoal e a justiça social.

### Conclusão

A análise da *parresia* e das *capabilities*, conforme abordado neste artigo, revela profundas intersecções e implicações para a compreensão da vida autêntica e da realização plena do potencial humano. A *parresia*, como retomada por Foucault, oferece uma perspectiva inovadora sobre a coragem de viver a verdade e desafiar as normas estabelecidas, destacando a importância da autenticidade e da integridade pessoal. Ao assumir riscos e enfrentar as consequências de falar a verdade, a *parresia* se configura como um princípio vital na construção de um *ethos* que busca a realização genuína, ou seja, “O modo de vida tem funções precisas em relação a essa *parresía*, em relação a esse dizer-a-verdade.” (FOUCAULT, 2014, p. 149), o que como analisamos, promove a *eudaimonia*, a felicidade plena.

Por outro lado, a teoria das *capabilities* de Martha Nussbaum amplia essa discussão ao enfatizar a importância de criar condições que possibilitem o desenvolvimento pleno das potencialidades humanas. Nussbaum propõe que, para alcançar uma vida de dignidade e realização, é crucial garantir o acesso a capacidades essenciais, como a liberdade de expressão, o pensamento crítico e a educação adequada. Essa abordagem oferece uma base sólida para políticas públicas e práticas sociais que visam a inclusão e o desenvolvimento integral de todos os indivíduos, segundo a autora, “quando proporciona que todos os seus cidadãos tenham acesso e possam exercer as capacidades elencadas, a fim de possuir minimamente o direito à dignidade humana.” (NUSSBAUM, 2013, p.91).

O entrelaçamento das ideias de Foucault e Nussbaum sugere que a *parresia* e as *capabilities* não são apenas conceitos filosóficos distintos, mas complementares na busca por uma vida significativa e autêntica. A *parresia*, ao desafiar as convenções e promover uma forma de vida radicalmente verdadeira, pode ser vista como um caminho para alcançar a *Eudaimonia* – felicidade; enquanto a teoria das *capabilities* fornece uma estrutura prática para assegurar que todos tenham a oportunidade de desenvolver e exercer essas condições de dignidade e liberdade.

A análise proposta neste artigo oferece uma visão aprofundada sobre como a prática da verdade e o desenvolvimento das potencialidades humanas podem coexistir e se fortalecer mutuamente em uma sociedade democrática. Ao explorar as nuances da *parresia* e o enfoque das *capabilities*, este estudo revela caminhos para robustecer o *ethos* democrático, evidenciando como a autenticidade individual e a realização plena do potencial humano não são apenas

compatíveis, mas também interdependentes. A *parresia*, como prática de dizer-a-verdade com coragem, trazida pela análise foucaultiana, e a abordagem das possibilidades a partir de Nussbaum como um modelo normativo para garantir dignidade e inclusão, juntas fornecem um quadro teórico e prático para uma sociedade que valoriza tanto a liberdade individual quanto a justiça social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. 4. ed. São Paulo: Edipro, 2014.

CAVALCANTI, Thais Novaes; TREVISAM, Elisaide. A “Abordagem Das Capacidades” Na Teoria De Amartya Sen Sobre O Desenvolvimento Humano. vol. 01, n.º. 54, Curitiba, 2019. pp. 173–192 Disponível em: <https://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/view/3305/371371798>. Acesso em: 29 de julho de 2024.

FOUCAULT, M. *A Coragem da Verdade: O Governo de Si e dos Outros II*. Martins Fontes, São Paulo, 2014.

\_\_\_\_\_. *Le Gouvernement de soi e des autres*. Cours au Collège de France (1982-1983). Édition établie sous la direction de François Ewald et Alessandro Fontana, par Frédéric Gros. Paris, Gallimard Le Seuil, 2008.

GROS, Frédéric. A parrhesia em Foucault (1982-1984). *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 155-166, 2004.

NUSSBAUM, Martha C. *Fronteiras da justiça: deficiência, nacionalidade, pertencimento a espécie*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

\_\_\_\_\_. *Creating Capabilities: The Human Development Approach*. Harvard University Press, 2011.

SPINEELLE, M. Sobre as diferenças entre éthos com epsilon e éthos com eta. *Trans/Form/Ação*, 32(2): 2009. p. 9-44.